

NOV 2021

2€

CAIS

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

(Direção convidada)

Reportagem
Escutismo: educar para a vida

Debate
Igualdade de Género em Portugal
Com João Costa e Inês Faria

Narrativa Fotográfica
WORLD PRESS PHOTO 2021

70% DO PREÇO É DO VENDEDOR
DIRETOR: AMÍLCAR FIDÉLIS

todos contam

#276



**Importância da atividade escutista como
via de educação para a vida**

A escola do Escutismo

O escutismo incentiva os jovens a ser o principal agente do seu desenvolvimento. Promove a literacia física através do contacto com a natureza, o espírito comunitário e potencia a aquisição de competências através de uma educação não formal.

Os escuteiros são uma organização que contribui na preparação da juventude para lidar com sucesso com as complexidades das sociedades contemporâneas. São, por isso, muito mais do que apenas um grupo de jovens que, muitas vezes, vemos passar de mochila às costas, rumo a uma floresta. O contacto com a natureza é, no entanto, um dos principais benefícios do escutismo.

“A natureza é o habitat natural dos escuteiros, um dos elementos fundamentais do nosso método”, começa por dizer Raquel Kritinas, responsável pelo programa educativo do Corpo Nacional de Escutas. “Para os escuteiros, o contacto com a natureza e os acampamentos, de forma especial, são condição imprescindível para o crescimento pessoal e coletivo, é um espaço privilegiado para o jogo escutista, para o desenvolvimento integral das crianças e jovens, para o conhecimento dos seus limites, para o desenvolvimento das suas capacidades e da consciência crítica, para estimular a criatividade”, acrescenta. Raquel Kritinas diz ainda que a natureza “é o local onde se estimula a atividade física”, o que traz benefícios para a saúde.

O escutismo é, por isso, um meio privilegiado para promover o movimento e a atividade física nos jovens. “Permite a construção de experiências e aprendizagens em contacto estreito com a natureza e com os outros. Não só estimula o movimento, como, principalmente,

dá sentido e significado a esse movimento”, explica Marlene Nunes Silva, diretora do Programa Nacional de Promoção da Atividade Física da Direção Geral da Saúde, professora universitária e investigadora. De acordo com a especialista, “o escutismo pode ajudar a desenvolver importantes dimensões do ser fisicamente literado, como a perspicácia para interpretar aspetos centrais do ambiente físico, para compreender o meio e dar respostas aos desafios do quotidiano com aptidão e criatividade”. Acima de tudo, “o escutismo pode permitir um contexto em que o movimento promova a autoexpressão e a comunicação não-verbal, trabalhando-se também a empatia e o aprofundar das relações interpessoais”, destaca Marlene Nunes Silva. “No momento em que assistimos a uma tremenda transição digital, as crianças e jovens foram invadidos por dispositivos digitais altamente sedutores e com narrativas simbólicas muito poderosas que colocam o corpo a ser vivido na ponta dos dedos”, critica Carlos Neto, professor catedrático da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, que acrescenta, reforçando a importância de se estar ao ar livre e de atividades como o escutismo: “Estamos a falar essencialmente do tempo passado frente aos ecrãs de natureza lúdica (uma verdadeira orgia digital). Esta situação vivida na escola, em casa e na comunidade, tornou-se para as crianças, jovens e adultos, numa verdadeira pandemia na gestão do tempo quotidiano de vida, diminuindo consideravelmente o tempo de jogo e de atividade física”.

“O escutismo é hoje, no nosso país, a maior escola de formação juvenil. Trata-se de uma formação não formal, mas que toca aspetos que lhe dão uma componente educativa muito consistente.”

Eugénio Fonseca
(Presidente da Confederação Portuguesa do Voluntariado)





A importância da atividade física

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), quatro a cinco milhões de mortes por ano poderiam ser evitadas se a população global fosse fisicamente mais ativa. A atividade física regular, de acordo com a OMS, pode prevenir e ajudar a controlar doenças cardíacas, a diabetes tipo 2 e o cancro, que causam quase três quartos das mortes em todo o mundo. A OMS procura, por isso, passar a mensagem de que toda a atividade física conta. Pode ser realizada como parte integrante do trabalho, desporto e lazer ou transporte (caminhar, patinar e pedalar), bem como de tarefas diárias e domésticas. No entanto, muitas vezes as pessoas não sentem vontade, por vários motivos, para realizar atividade física. Os escuteiros podem ser, por isso, uma boa escola, contribuindo para a literacia física.

“A literacia física engloba a motivação, a confiança, a competência motora, o conhecimento e a compreensão para manter a atividade física ao longo de toda a vida”, explica Marlene Nunes Silva, acrescentando: “Deve, por isso, ser estimulada desde idades precoces. O nosso corpo foi desenhado para o movimento. As crianças, naturalmente, desde muito pequeninas, se puderem não estão paradas. É algo intrínseco e que concorre para o desenvolvimento pleno. É o movimento que permite a plena exploração do mundo, aprendendo sobre si e sobre o meio (físico e social)”.

Esta relação, mais do que física, com a natureza e o ambiente, faz parte dos escuteiros desde da sua fundação. “O nosso fundador, Baden Powell, refere-se à floresta (natureza) como sendo, simultaneamente, um laboratório, um clube e um templo, e é através dela que proporcionamos uma experiência concreta, direta e real de desenvolvimento aos escuteiros”, realça Raquel Kritinas.

Essa é uma mensagem que parece ir contra a realidade atual. “Cada vez mais, esse movimento espontâneo das crianças em idade infantil é limitado, a maioria das vezes, por questões de conveniência e falsa sensação de segurança. É comum ouvirmos ‘senta-te, para um

bocadinho’, ‘está quieto(a)’, ‘ainda te aleijas’, limitando, assim, este movimento que é natural e prazeroso”, diz Marlene Nunes Silva, que reforça: “Com o crescimento, a este tempo sedentário acrescentam-se, muitas vezes, estímulos que vão competindo pela atenção e interesse das crianças – como os videojogos e outras ofertas via tempo de ecrã. Começa assim a perder-se o que de mais natural há, e a associar o movimento apenas a atividades estruturadas – acompanhadas, muitas vezes, por falta de confiança física e desprazer –, porque não treinados e estimulados naturalmente”.

Carlos Neto não hesita em dizer que o “contacto com a natureza é a magia da nossa essência” e tem sido afetada nos últimos anos. “Com a urbanização caótica das últimas décadas, perderam-se corredores verdes nas grandes cidades e os contactos frequentes de experiências e vivências com o espaço verde. Esta devastação do contacto humano com o espaço natural provoca uma crise tremenda de perda de fatores benéficos na formação de competências físicas, motoras, sensoriais, percetivas, emocionais, cognitivas e sociais”, explica. O docente universitário realça que contacto regular com a natureza ajuda a desenvolver sensações e experiências que o espaço construído não permite. “Caminhar pelo espaço natural, valoriza o sabor do silêncio em oposição ao ruído, encontrar novos cheiros e aromas, contemplação visual excitante, contacto com a terra, a vegetação e as árvores, descobrir as maravilhas da fauna e respirar com mais naturalidade”, afirma, acrescentando: “As crianças do nosso tempo vivem um ‘Deficit da Natureza’, considerando o decréscimo de rotinas de vida nestes contextos, devido ao estilo de vida sedentário em que vivem e ausência de tempo das famílias e das escolas para partilharem esse contexto em conjunto. Hoje está a perder-se a possibilidade de as crianças poderem desenvolver uma ‘inteligência natural’ que se supõe ser fundamental para o seu equilíbrio emocional, harmonia corporal e relacionamento com o ambiente”. Os escuteiros promovem desde sempre o contacto com a natureza, o que tem ido ao encontro desta perspetiva mais ampla.

“Para os escuteiros, o contacto com a natureza e os acampamentos, de forma especial, são condição imprescindível para o crescimento pessoal e coletivo, é um espaço privilegiado para o jogo escutista, para o desenvolvimento integral das crianças e jovens, para o conhecimento dos seus limites, para o desenvolvimento das suas capacidades e da consciência crítica, para estimular a criatividade.”

Raquel Kritinas
(Responsável pelo Programa Educativo do Corpo Nacional de Escutas)



Relacionamento com a comunidade

Para Marlene Nunes Silva, “o ideal seria que nunca se perdesse o prazer puro que o movimento pode proporcionar” e que a atividade física não fosse depois só encetada “porque faz bem, porque ajuda a manter o peso”, como algo que não se deseja, mas tem que ser. Isto é tornar instrumental (um meio para atingir um fim) um comportamento motor que pode e deve ser um fim em si mesmo. Atividade física regular, como foi visto anteriormente, irá proporcionar um bem-estar físico e emocional que tem efeitos em todas as esferas da vida.

É nessas outras dimensões que o escutismo também atua. O respeito pelo próximo e noção da existência do outro é algo que aqui se vê estimulado. “O Movimento escutista tem por finalidade contribuir para o desenvolvimento dos jovens, ajudando-os a realizarem-se plenamente no que respeita às suas possibilidades físicas, intelectuais, afetivas, sociais e espirituais, quer como pessoas, quer como cidadãos responsáveis e quer, ainda, como membros das comunidades locais, nacionais e internacionais”, explica Raquel Kritinas. A responsável pelo programa pedagógico do Corpo Nacional de Escutas realça o facto de o serviço ao próximo e à comunidade estar “no ADN do Escutismo e na nossa Promessa, onde prometemos fazer todos os possíveis por auxiliar o nosso semelhante em todas as circunstâncias. Um dos elementos do método escutista é o envolvimento na comunidade, que toma forma em atividades de serviço ou projetos de desenvolvimento da comunidade”, elucida Raquel Kritinas, acrescentando: “Este serviço não deve ser visto apenas como fazer as coisas para os

outros, mas, através do envolvimento conjunto, deve implicar fazer as coisas com os outros. A base do envolvimento na comunidade é ajudar os escuteiros a criar um mundo melhor, sendo o seu foco a cidadania ativa e o desenvolvimento do sentido de responsabilidade de cada escuteiro com vista ao entendimento sobre o papel que pode desempenhar na sua comunidade”. Eugénio Fonseca, presidente da Confederação Portuguesa do Voluntariado, partilha da mesma opinião. “O escutismo é hoje, no nosso país, a maior escola de formação juvenil. Trata-se de uma formação não formal, mas que toca aspetos que lhe dão uma componente educativa muito consistente”, salienta e acrescenta: “O escutismo tem a capacidade de ensinar alguns dos aspetos que são importantes e hoje fundamentalmente necessários saber, como é o lidar com a natureza e saber rentabilizar os recursos naturais. Possibilita que os jovens adquiram, também, sentido de responsabilidade. O escutismo é, efetivamente, uma mais-valia que o nosso país tem, naquilo que se pode dar aos jovens no tempo adequado, para se fazer esse tipo de formação”. Para Eugénio Fonseca, o facto de o escutismo promover atividades em espaços abertos é salutar. “Sair de casa é importante, face a uma cultura individualista que se instalou na civilização que temos. O escutismo propõe possibilidades de socialização muito importantes. Toda a dinâmica escutista é de gratuidade, no sentido de preocupação para com o outro, da dádiva de si. Tudo é uma dádiva. Nada acontece que não tenha a referência ao outro ou às condições envolventes”, destaca. Salienta, também, o facto de toda ação escutista se desenrolar na base do voluntariado. “Uns que o praticam e outros que beneficiam dele”, enfatiza.



Já Carlos Neto diz que “o escutismo tem na sua essência e filosofia uma prática baseada em valores humanos de fraternidade universal e aprendizagem de grupo (aprender a viver com os outros)”, utilizando a natureza como um contexto privilegiado de desenvolver as suas atividades de forma regular e sistemática. “Estas atividades permitem uma aprendizagem significativa no desenvolvimento da capacidade de adaptação (motora, cognitiva, emocional e social), cultura de sobrevivência, confronto com a adversidade, superação de si, regulação emocional, autoconfiança, relação social e competências lúdicas e motoras”, salienta.

Educação não formal

O voluntariado é um aspeto essencial no escutismo, que promove uma educação não formal. Eugénio Fonseca afirma que “o voluntariado é mais uma questão de saber estar, do que uma disponibilidade de tempo”. O que vai ao encontro dos princípios orientadores desta atividade. “O ser voluntário é uma dádiva de tempo, mas sempre na proporção das possibilidades concretas que cada pessoa tem. A falta de tempo pode não ser uma justificação plausível. Há possibilidades

de adaptação dos tempos existentes por parte de quem se candidata a voluntário e das organizações que os possam integrar. É, sobretudo, pôr em prática a consciência de que se é cidadão e, entre outras obrigações, tem de se colocar ao serviço do bem de todos”, explica o presidente da Confederação Portuguesa do Voluntariado.

Esta capacidade, inculcada no escutismo, de se colocar ao serviço do outro, permite a aquisição de várias aptidões. “Competências organizacionais (planeamento e gestão de projetos), responsabilidade, espírito de iniciativa e de análise, trabalho em equipa, comunicação, gestão de conflitos, competências interculturais, competências técnicas e artísticas, liderança, entre outras, são algumas das ferramentas que os escuteiros adquirem enquanto permanecem no movimento”, destaca Raquel Kritinas. Esta é uma aprendizagem não formal adquirida com a participação e experiência nas atividades escutistas. “Estas competências são desenvolvidas pela aplicação do método escutista, através da vivência em pequenos grupos, do planeamento e gestão dos seus próprios projetos, do educar pela ação (aprender fazendo), da adesão voluntária a um quadro de valores inscrito na Lei e na Promessa, da liderança de grupos e de projetos, da boa ação e do serviço à comunidade e da existência de um espaço seguro para os jovens poderem errar”, refere Raquel Kritinas.

“No momento em que assistimos a uma tremenda transição digital, as crianças e jovens foram invadidos por dispositivos digitais altamente sedutores e com narrativas simbólicas muito poderosas que colocam o corpo a ser vivido na ponta dos dedos.”

Carlos Neto
(Professor Catedrático da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa)



Os escuteiros adquirem competências ímpares durante o tempo que permanecem nesta atividade, sendo-lhes transmitido um espírito livre e de aventura, mas, ao mesmo tempo, de responsabilidade e respeito. “A prática do escutismo implica o desenvolvimento de tarefas muito exigentes do ponto de vista da atividade física e, simultaneamente, de escuta e contemplação do corpo na natureza. A diversidade de situações de superação e ação coletiva, exige uma grande aquisição de competências de literacia física (caminhar, correr, trepar, equilibrar-se, jogar, construir, etc.)”, diz Carlos Neto,

antes de concluir: “Para crianças e jovens é uma atividade muito aconselhada na vivência dos seus tempos livres, considerando a construção de uma filosofia de vida, desenvolvimento de novas culturas do corpo em ação e solidariedade em grupo. É também, pela sua natureza, uma atividade que permite combater a taxa de sedentarismo e inatividade física e a conquista de uma consciência da preservação ambiental e dinâmicas de sustentabilidade do planeta”.



“O escutismo pode ajudar a desenvolver importantes dimensões do ser fisicamente ‘literado’, como a perspicácia para interpretar aspetos centrais do ambiente físico, para compreender o meio e dar respostas aos desafios do quotidiano com aptidão e criatividade.”

Marlene Nunes Silva
(Diretora do Programa Nacional de Promoção da Atividade Física da Direção Geral da Saúde)

